

## O ROMANCE ANTIGO E SUA PROPOSTA DE PEDAGOGIA ERÓTICA

Profa. Ana Paula Cardoso Vasconcelos(UERJ)

### RESUMO:

Pretendemos, com este trabalho, apresentar a prática de uma pedagogia erótica, sob a forma de uma questionável libertinagem, observada mediante um cotejo entre os romances *Satíricon*, de Petrônio (I séc. d.C) e *Dáfnis e Cloé*, de Longo ( II-III séc. d.C). Dentro dessa perspectiva, tentaremos enfatizar as inquietações que os indivíduos da sociedade greco-romana, representados em ambos os romances, sofriam frente às normas de conduta sexual que permeavam a sociedade da época. Do mesmo modo, refletiremos acerca de questões como: escravidão, racismo, homoerotismo, virgindade e fidelidade conjugal. Questões, ainda hoje, tabu em nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Erotismo; Pedagogia; Romance; conduta sexual.

Temos a idéia equivocada que as sociedades grega e romana eram muito liberais em termos de condutas e práticas sexuais. Digo equivocada porque antes de submeter qualquer civilização à uma apreciação crítica, devemos ter um conhecimento minucioso do seu funcionamento, para só então, “julgar” sua leis e regras de conduta. Também, é importante ressaltar que por mais esquisitas e desconcertantes que possam nos parecer as leis e as condutas de uma sociedade antiga, não eram, por isso, menos legítimas e dignas de respeito do que as nossas.

Com a queda da *polis* grega, o cidadão, antes acostumado a viver em função do grupo social, passa a dar ênfase aos aspectos da vida privada e com eles aos valores da conduta pessoal, valores esses legados também ao mundo romano. Nesse conturbado ambiente de grandes transformações político-socio-culturais, surge a ficção romanescas; um novo gênero literário que prima pela liberdade de expressão com sua prosa despojada das amarras do verso, atingindo, desse modo, a sensibilidade de todas as camadas sociais, até mesmo das menos cultas. Os ditos romances da Antiguidade(Ia.C-III d.C), ao contrário do que era praticado antes pela literatura amorosa, ao invés de difundir paixões, contribuíam para refreá-las e regrá-las. Em especial, os chamados romances de aventura, que eram disseminados na sociedade do período helenístico. Tais romances tinham como pretensão educar a sociedade, principalmente, no que tange as práticas amorosas de seus ávidos leitores. Essa “educação”, no começo, se dá de forma implícita, passando mais tarde, a uma pedagogia erótica moralizante mais contundente. Há uma manifesta busca pela abstenção aos prazeres da carne, em nome de uma elevação do espírito e preservação do corpo.

O romance grego pastoral *Dáfnis e Cloé* ( séc II-III d.C), escrito por Longo, de quem apenas sabemos ter vivido à época do Império Romano, é um

mistura do Idílio Bucólico alexandrino com romance de aventuras. A obra é uma ressurreição, em prosa, do gênero bucólico em extinção no helenismo tardio, na qual somos transportados pelo autor para um cenário bucólico à ilha de Lesbos, onde um casal de amantes viverá diversas aventuras até estarem “preparados” para consumir seu amor.

*Dáfnis e Clóe* é um romance calcado na arte retórica, na Segunda Sofística<sup>2</sup>, no Cristianismo, Estoicismo<sup>4</sup> e Epicurismo<sup>5</sup>. Longo, lança mão do erotismo e da sensualidade de dois jovens com doses de lirismo para colocar em prática seu propósito político-pedagógico. Personagens como Filetas e Licênion têm a pretensa função de ensinar aos jovens adolescentes, principalmente às castas mocinhas de família, como comportar-se durante a conquista, sem comprometer a pureza do corpo e do espírito.

Apesar do aparente romantismo que permeia toda a obra, encontramos uma inversão e contensão no que tange às práticas amorosas dos gregos. Primeiramente, o amor aos efebos (meninos entre 12 e 18 anos), antes visto como um amor homoerótico sublime entre iguais aristocratas, passa a ser tratado como algo torpe e antinatural, que deve ser totalmente banido da *polis* grega. Logo em seguida, nos deparamos com uma inversão amorosa, também, no que tange às práticas amorosas dos romanos. Essa inversão, ocorre quando um jovem escravo cabreiro como Dáfnis, normalmente tratado pelos cidadãos romanos como passivo nas relações homoeróticas, se recusa a ser amado por Gnaton. Longo retrata o amor temperante pelos rapazes, que era antes o objetivo principal da literatura amorosa, de forma secundária, através de Gnaton, um personagem da cidade, que aprecia o amor homoerótico e, por isso, se encanta com a beleza do jovem cabreiro, Dáfnis:

“(...)” aguardou uma tarde em que Dáfnis reconduzia as cabras do pasto, correu até ele e lhe deu um beijo, depois lhe pediu que deixasse fazer por trás aquilo que as cabras permitem aos bodes.” (LONGO, 1990, p.83)

Como resposta a investida do homem mais velho e sem entender suas insinuações, Dáfnis responde:

“(...) que era natural que os bodes subam nas cabras, mas que nunca tinha visto um bode subir num carneiro, nem num bode, ao

invés de uma ovelha, nem um galo num outro galo; ao invés de galinhas (...)” (Ibid., p.84)

A explicação para abominação com que Dáfnis recusa Gnaton está, em primeiro lugar, no que Michel Foucault chama de “Nova Erótica”, ou seja, a valorização do par romântico homem-mulher em detrimento do amor homoerótico e, também, porque Dáfnis, como será revelado posteriormente no romance, não é um escravo e, sim, um aristocrata. Ora, sabemos que na sociedade romana um cidadão jamais poderia ter relações amorosas passivas com outros homens livres.

Longo estimula o amor entre um homem e uma mulher, porque a sociedade da sua época vê esse amor como legítimo, uma vez que leva ao casamento (união entre duas famílias abastadas) e a procriação. Gnaton corteja Dáfnis porque sendo esse um escravo, acha natural que o jovem ceda aos seus desejos, já que para os dessa condição, em Roma, a passividade não era vergonha. Já, na Grécia Antiga, os efebos (meninos entre 12 e 18 anos), livres por nascimento, não eram ainda considerados cidadãos, portanto eram passivos sem desonra de um homem mais velho, seu preceptor. Essa pederastia pedagógica deveria cessar logo que o rapaz completasse 18 anos ou tivesse pêlos no corpo.

Dáfnis está apaixonado pela jovem Clóe e aí percebe-se uma mudança de valores, se antes, para os gregos, o amor aos rapazes era focalizado, na literatura, como o amor ideal e sem sobressaltos para ambas as partes, já que o efebo não poderia em hipótese alguma sentir prazer ou ficar em uma posição feminina na relação, agora o amor às mulheres, que antes era visto como aquele que escravizava o homem; é o amor almejado, sua companheira será sua amiga, além daquela com quem deve ter relações sexuais depois do casamento para fins procriativos.

Na época do Império Romano, o casamento é valorizado como uma união política, sem amor ou paixão. Em contra partida, as mulheres casam-se várias vezes, já que o divórcio é permitido, e algumas são mais ricas e poderosas que seus maridos. A matrona romana, com o fim da República, torna-se tão sensual, inteligente e maquiavélica quanto às cortesãs. Elas são muito diferentes das mulheres gregas, que viviam até o séc. IV a.C presas em seus gineceus, gerando filhos e cuidando da casa. Com toda essa liberação, algumas passam da medida e precisam de um freio, de algo que as faça primar pela castidade, sem que a austeridade seja notada, e é aí que entra a função do romance.

A condição da mulher, apesar de várias conquistas a partir da República, não é muito animadora em *Dáfnis e Clóe*. Longo quer nos fazer supor que há um “equilíbrio” entre o par amoroso, mas a iniciação amorosa de Dáfnis com outra mulher que não Clóe, irá desconstruir essa idéia presente em outros romances de aventura. Em meio a “liberdade” do campo, o tabu da virgindade serve de parâmetro para a integridade feminina; Licênion (pequena loba) funciona como a prostituta

por conta de seu ardor e impudência. A mulher casada que se entrega aos prazeres sexuais é mal vista e só serve para “aliviar” os homens, como a loba, a prostituta romana. Por outro lado, é a virgem Clóe que, por sua virtude e pureza, será a esposa ideal, um exemplo a ser seguido.

A educação sexual de Dáfnis começa com Cloé, passa por Filetas e se fundamenta com Licênion, para que, desse modo, a jovem Cloé permaneça virgem até as justas bodas e, também, as mocinhas casadoiras, leitoras do romance.

Segundo Foucault, a virgindade mantida pelo casal nos romances de aventura, seria uma forma elevada de existência, um cuidado para consigo mesmo adotado pelos heróis, algo jamais visto ou discutido em outro gênero literário da antiguidade. Mas Longo subverte essa elevação com sua pedagogia erótica. A castidade pré-conjugal só vale para a mulher como forma de controlá-la e reprimi-la sexualmente até que haja um marido que redobre a vigilância.

Longo, como um sofista que se preze, deixa evidente o caráter pedagógico de seu romance ao instruir moças e rapazes na arte do amor regrado e lícito, prescrevendo e proscrivendo esta ou aquela conduta sexual.

O segundo romance a ser analisado é o romance latino erótico picaresco<sup>6</sup>, *Satíricon*, mistura de sátira menipéica<sup>7</sup> com conto milesiano<sup>8</sup>. Esse romance de Petrónio, árbitro da elegância da corte de Nero, sempre foi tido como de erotismo cru e extremo, e, por isso, destituído de qualquer intenção moralista pelos diversos especialistas através dos tempos. Isso, lógico, a partir do momento que passa a ser mencionado e aceito nos meios literários.

Nesse romance escrito no século I d.C (65-66), portanto muito antes do romance de Longo, percebemos já uma preocupação obsessiva em reprimir os desejos e refrear o comportamento sexual de homens e mulheres, em nome de uma austeridade de comportamento, apesar do erotismo agressivo e debochado.

A obra narra as aventuras amorosas de dois rapazes. Ao contrário de Longo, o par romântico é homoerótico e o lirismo é substituído pela ironia e pelo deboche. O casal do romance de Petrónio não consegue se manter fiel e casto até o fim. Gitão, um adolescente de 16 anos, aparece para separar o par romântico e levá-los a amar homens e mulheres de forma indiscriminada. Mas apesar desse aparente quadro de devassidão, condutas sexuais, antes amplamente difundidas e praticadas pelos complacentes cidadãos romanos sem qualquer preocupação, passam a ser severamente desaconselhadas, em nome de um cuidado com o corpo e com a saúde.

Sabemos que os testemunhos e passagens contidas nas obras literárias são parciais e tendenciosos e, muitas vezes, não distinguimos se é a literatura que influencia o indivíduo ou exatamente o contrário. Mas por meio de inscrições, que são depoimentos diretos, e textos históricos conseguimos captar a evolução das tradições e costumes e daí fazer uma leitura crítica e consciente de um romance como *Satíricon*, por exemplo, em sua plenitude, é encará-lo como uma crônica do

seu tempo.

Satíricon é um romance, de certa forma, com má reputação, por, ao que parece, retratar a época de Nero, um dos mais devassos imperadores de Roma. Contudo, é importante ressaltar que algumas passagens tidas como imorais, na verdade, faziam parte dos costumes que regiam a sociedade da época e não podem ser “julgadas” com base em nossos costumes atuais.

Como forma de ilustrar esse regramento das práticas amorosas aliados aos costumes da urbis, eis uma passagem bastante significativa, quando Ascilto, cidadão livre ou liberto, tido como insaciável sexualmente, é abordado por um homem mais velho em uma viela suspeita da cidade:

“(…) quando se aproxima de mim um homem já idoso com modos bastante cortesês, ofereceu-se para indicar-me o caminho. Mas depois de ter passado por várias vielas, cada qual mais escura do que a outra, trouxe-me até aqui e exibindo a bolsa, pediu-me que me prestasse aos seus desejos. A dona do prostíbulo já havia recebido a sua moeda pelo aluguel do quarto, quando o homem investiu contra mim com mãos lascivas, e, asseguro-te, se não fosse mais forte do que ele, teria pago meu tributo.” (PETRÔNIO, 1994, p.20)

Diante desse trecho, constatamos que o jovem, apesar da fama de libertino, não admite ser cortejado pelo homem mais velho, pois sendo o rapaz um cidadão livre ou liberto não poderia ter relações passivas ou ativas com outro cidadão livre, os costumes romanos não permitiam em tese tais relações. Note, que Petrónio, por meio de Ascilto, não condena a homossexualidade do homem mais velho ou do homem mais novo, já que um cidadão romano livre de nascença possuía total liberdade para amar o sexo que lhe apetecesse.

Se por um lado, reprovavam as relações homoeróticas, não o faziam de modo diferente do amor às cortesãs, ao menos enquanto se tratasse de homossexualidade ativa, já que o papel de passivo era encarado como uma grande desonra para um cidadão romano. Sabe-se que o prazer sexual, nessa época, não

era visto como um problema, mas o desregramento das paixões e o excesso das relações sexuais poderiam fazer um homem perder as suas finanças, sua saúde e sua família.

Os moralistas políticos classificavam a homofilia como fora das regras sociais, mas não viam com maus olhos que um senhor tivesse relações com seu escravo predileto, desde que o escravo fosse sempre o passivo. Para o escravo não era desonra ser o passivo, já que ele era apenas uma *res* (coisa) e não uma pessoa com todos os seus direitos políticos adquiridos e garantidos.

Mesmo Ascilto, que será apontado por Encólpio como aquele que “serviu de mulher na prisão de escravos”, contra todas as expectativas; não aceita ter relações de qualquer espécie com um cidadão promíscuo, e fica mais horrorizado mediante a contraproposta do homem mais velho “*Pois que não te agrada ser passivo-disse-lhe- não há de recusar que eu te proporcione a função oposta*”. (PETRÔNIO, 1994, p.21).

Essa rejeição ao homem mais velho não visa sua homofilia, mas provem de um defeito moral, ou melhor, político. Percebe-se um forte indício de desprezo com a forma habitual de um homem livre fazer a corte aos rapazes de classe inferior.

Quanto à forma de abordagem, Petrónio não tece nenhuma crítica, uma vez que, segundo Paul Vayne, mulheres e rapazes de vida livre eram abordados, dessa forma, constantemente, por serem considerados criaturas passivas por natureza. Em Roma, cortejar consistia, principalmente, para as cortesãs, em oferecer-lhes dinheiro e presentes.

No romance latino, começa haver uma desvalorização da figura do efebo, tida pelos gregos como sublime, bela e fiel. Gitão será visto como cruel, infiel e interesseiro, do mesmo modo que uma cortesã romana. Encólpio depois de haver sido traído por Gitão, houve de homem a história do menino de Pérgamo que serve para convencê-lo de que os efecos comportam-se de maneira infame, e, por isso, devem ser tratados tal qual uma prostituta.

Os efecos livres, em Roma, ao contrário da Grécia, já nasciam cidadãos, cabendo a prática sexual passiva aos escravos e as mulheres, criaturas passivas por natureza, portanto Gitão não estava em conformidade com as regras sociais romanas. Quanto às regras da sociedade grega, o menino também se encontrava em desacordo, já que era complacente em todos os desejos de seu parceiro e infiel, caracterizando, assim, uma certa forma de prostituição.

Seguindo com nossa apreciação quanto às austeras mudanças na conduta amorosa dos indivíduos, há de se observar o seguinte trecho do banquete de Trimalquião:

“(..) fui durante 14 anos o querido de meu patrão. Não há vergonha em fazer

aquilo que o senhor ordena. E, de vez em quando, eu satisfazia também a patroa.” (Ibid., frag.: LXXV, p.77).

Todo cidadão romano tinha o direito de amar seus escravos, concubinas e sua esposa. Então, para que tantas explicações, por parte de Trimalquião, devido ao seu comportamento passivo na condição de escravo. Não era uma prática comum na sociedade Romana? Será que é mais uma crítica de Petrónio? Será um indício de uma desvalorização também dessa prática?

A impotência de Encólpio, que é retratado como homem viril e ativo, fundamenta a tese da existência de um controle das relações sexuais. É uma forma de lembrar aos cidadãos romanos que a prática desregrada do sexo pode levá-lo à impotência, à efeminação. Para melhor desempenho de suas funções na vida, o homem da Antiguidade deveria preservar sua masculinidade abstendo-se do sexo. Nota-se, pois, a questão política ditando as normas de conduta. A prática do amor para os homens antes tão aconselhada e difundida por Plauto, Terêncio e Ovídio em suas obras, na Antiguidade Clássica, passa a ser desaconselhada na Antiguidade Tardia.

Depois dessa apreciação acerca dos romances de Petrónio e de Longo, percebemos a utilização do erotismo como forma de veicular uma abstenção dos prazeres descontrolados e, ainda, uma valorização das práticas sexuais com mulheres, dentro do casamento, na sociedade greco-romana. A antiga ética dos prazeres da Antiguidade Clássica é modificada pelas inquietações do pensamento da Antiguidade Tardia. Assim, passou a existir uma maior atenção às práticas sexuais, a partir de seus efeitos sobre o corpo, seu lugar na relação conjugal e seu banimento com os rapazes.

Há de se concordar, que essa nova forma de se pensar os prazeres aumentou muito a dificuldade do homem em se posicionar frente a si mesmo e a sociedade e que, sem dúvida, essa tal liberdade das práticas sexuais atribuída aos gregos e romanos é, no mínimo, discutível pelo menos a partir do século I d.C. Mas é, sem dúvida, indiscutível que essa austeridade observada nos romances analisados representa mais uma herança legada à nossa civilização.

#### Referências bibliográficas

- ALEXANDRIAN. *História da literatura erótica*. Trad.: Ana M. Scherer e José L. de Mello. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Helena, o eterno feminino*. Petrópolis: Vozes, 1989
- BROWN, Peter. Antiguidade Tardia. Trad. Hildigard Feist. In: ARIES, Philippe; DUBY, George (Org.). *História da vida privada*. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DOVER, Kenneth. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. Trad.: Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad.: Maria T. da C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. 3ª edição. Trad.: Maria T. da C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma- Antiguidade Clássica II*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1968.

GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

LONGUS. *Dáfnis e Clóe*. Campinas: Pontes, 1990. Tradução de: Denise Bottmann.

PETRÔNIO. *Satíricon*. [S.l.]: Editora Três, 1994.

VAYNE, Paul. *O Império Romano*. Trad. Hildigard Feist.

In: ARIËS, Philippe; DUBY, George (Org.). Trad. Hildigard Feist. *História da vida privada*. v. 1 São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *A Homossexualidade em Roma*. Trad. Hildigard Feist. In: ARIËS, Philippe; BEJIN, André (Org.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>2</sup>Esse termo foi criado por Filostrato, sofista ateniense do século III d.C, e designava as atividades dos oradores que viajavam pelo Império Romano, dando palestras em troca de pagamento. São entretanto, diferentes dos sofistas pensadores dos séculos V e IV a.C, que adotavam posturas políticas e filosóficas mais incisivas.

<sup>4</sup>Fundado por Zenão de Citium por volta de 334-262 a.C. Para os estoícos, a filosofia é a solução do problema da vida, em outras palavras, a filosofia é cultivada exclusivamente em vista da moral, para firmar a virtude e, logo, para assegurar ao homem a felicidade. Eles crêem em uma ética do dever; não são filósofos, mas pragmatistas, moralistas. No pensamento dos estoícos, o fim supremo e único bem do homem, não é o prazer, a felicidade, mas a virtude como bem imediato. A paixão é má, já que é irracional, mórbida e um vício da alma. A única atitude do sábio estoíco deve ser o aniquilamento da paixão até a apatia.

<sup>5</sup>Termo que designa a Doutrina de Epicuro, filósofo materialista grego ( 341-270 a.C. ), na qual o bem soberano estaria nos prazeres praticados de maneira virtuosa para a saúde do corpo e sossego do espírito. Portanto, é um equívoco identificar o epicurismo com o hedonismo, sensualidade, luxúria.

<sup>6</sup>Diz-se do gênero literário de origem espanhola (séc. XVI e XVIII) que tem como protagonista, o pícaro, herói astuto, artiloso e patife, que vive às custas das várias classes da sociedade, o anti-herói. Assim, podemos perceber que mesmo não sendo “picaresco” um termo conhecido no séc I d.C, ele já existia.

<sup>7</sup>Mistura de prosa e verso em que o autor, com um olhar distante, mistura a seriedade ao riso para censurar os costumes, as instituições e as idéias contemporâneas em estilo irônico ou mordaz. É uma composição poética que visa a censura ou ridicularizar defeitos ou vícios. Utilizada pela primeira vez por Menipo de Gadara.

<sup>8</sup>Contos eróticos para homens. De ou pertencente a Mileto, antiga cidade jônica na Ásia Menor. Ou, ainda, pertencente ou relativo aos milésios ou às doutrinas. Os pensadores Tales (640-545 a.C), Anaximandro (610-547 a.C.) e Anaximenes (588-524 a.C.) da cidade de Mileto.

## EUFEMISMOS BÍBLICOS RELATIVOS AO SEXO E À MORAL

Prof. Dr. Francisco de Assis Florêncio (UERJ).

### RESUMO

O nosso trabalho tem por objetivo trabalhar os eufemismos bíblicos relativos ao sexo e à moral. Para tanto, partimos do texto da Vulgata, texto este que grandemente influenciou e continua a influenciar as versões portuguesas. A título de cotejo, além do texto latino, fizemos uso de duas versões portuguesas: Almeida Revista e Atualizada e a Almeida Revista e Corrigida.

**Palavras-chave:** Vulgata, eufemismos bíblicos, Latim.

### INTRODUÇÃO

Muitos são os eufemismos bíblicos para falar de sexo e moral. Por ser um livro sagrado para os cristãos e, no que se refere ao Velho Testamento, também sagrado para os judeus, a Bíblia foi escrita e continua a ser traduzida com muito zelo e cuidado. Assim sendo, palavras e expressões que poderiam causar escândalo e arrepio nos crentes são tratadas de maneira cautelosa e, muitas vezes, amenizadas. Para isso, recorre-se a uma figura de linguagem denominada eufemismo, do grego *εὐφημισμός* em que *eu* significa “bom”, “agradável”, presente também em *elogio* e *evangelho* e de *pheme*, “falar”, portanto “falar coisas boas, agradáveis”, como no exemplo “Entregar a alma a Deus”, ou seja, “morrer”. A Bíblia emprega de maneira significativa esta figura e é, por isso, que nos interessamos em abordar o seu emprego no contexto bíblico. O nosso ponto de partida foi a Vulgata, versão bastante literal, tanto em relação ao texto hebraico quanto ao grego. Ao procurarmos eufemismos relativos ao sexo e à moral nesta versão, ficamos surpresos ao percebermos que ela, diferentemente do que se poderia esperar, é menos eufêmica que as versões portuguesas por nós consultadas. As versões que serão utilizadas como fonte de cotejo são a Almeida Revista e Atualizada (ARA) e a Almeida Revista e Corrigida (ARC). Vale, por fim, ressaltar que o texto sacro nos legou pelo menos dois vocábulos que dizem respeito à moral e a práticas sexuais: onanismo e sodomia. O primeiro, deriva do nome próprio Onã e significa “masturbação masculina”. A sua origem se dá no fato de Onã, por não querer engravidar sua mulher, viúva de seu irmão, ejacular fora dela todas as vezes que a possuía, sendo considerada, tal prática, um tipo de masturbação. O segundo, sodomia, definido pelo Aurélio como “cópula anal, principalmente com mulher”, surgiu graças ao comportamento imoral e devasso dos habitantes de Sodoma e Gomorra.

### ANÁLISE DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES